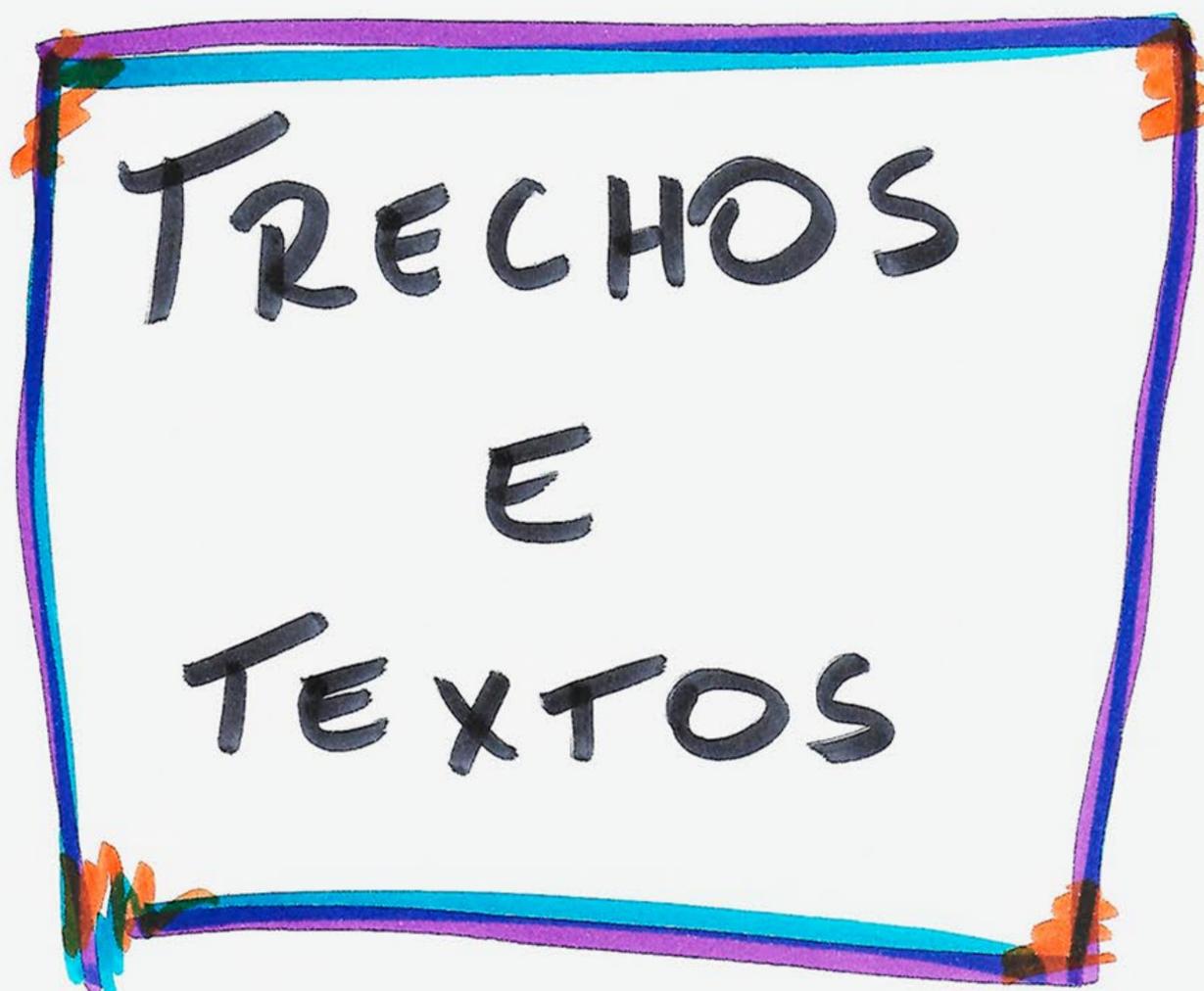




trechosetextosmus

Corumbá Capital do Pantanal



ANDRÉ RAMALHO



TRECHOS
E
TEXTOS

André Ramalho

TRECHOS
E
TEXTOS

Araraquara
Letraria
2020

TRECHOS E TEXTOS

PROJETO EDITORIAL
LETRARIA

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
LETRARIA

CAPA
LETRARIA

REVISÃO
LETRARIA

RAMALHO, André. **Trechos e Textos.**
Araraquara: Letraria, 2020.

ISBN: 978-65-86562-00-2

1. Música. 2. Textos. I. Título

CDD: 780

Para Georgette

SUMÁRIO

Apresentação **8**

Trechos e textos

Existirmos: a que será que se destina? 10

Preste atenção: o mundo é um moinho 12

Amanhã vai ser outro dia 14

Eu quero a sorte de um amor tranquilo 16

Nem que eu bebesse o mar encheria o que eu tenho de fundo 19

Não há o que perdoar por isso mesmo é que há de haver mais compaixão 21

Prefiro ser essa metamorfose ambulante 23

Ela partiu e nunca mais voltou 25

Consideramos justa toda forma de amor 27

Eu tomo conta de você, mas te quero livre também 29

Deixa eu entrar pra você me prender 31

Pela lei natural dos encontros, eu deixo e recebo um tanto	33
É impossível ser feliz sozinho	36
Quando a paz foi ensinada pouca gente escutou	38
Eu sou apenas um rapaz latino-americano	41
A carne mais barata do mercado é a carne negra	44
Penalidade não é loteria	47
O mundo é diferente da ponte pra cá	49
Tudo vira bosta!	51
O futuro não é mais como era antigamente	54
Marvin, o seu destino eu sei de cor	57
Sonhos que podemos ter	59
Será que eu falei o que ninguém ouvia? Será que eu escutei o que ninguém dizia?	62
Hoje ninguém vai estragar meu dia	64
Te ver e não te querer, é improvável, é impossível	67

Eu encontrei quando não quis mais procurar o meu amor	70
Rir é bom. Rir de tudo é desespero	73
Baby, você não precisa de um salão de beleza	76
Benditas as coisas que eu não sei	78
A diferença é o que nos une de verdade	81
Ben, não deixe de ouvir os discos que eu dei	84
Sonhos não envelhecem	87
Sobre o autor	90

| Apresentação

“Sou Professor de História e escrevo textos inspirados em trechos de músicas”, assim comecei a convidar as pessoas para ler os textos publicados no Instagram, na Página **Trechos e Textos (@trechosetextosmus)**.

Era o último dia de julho de 2019 quando postei o primeiro texto, destacando na imagem o seguinte trecho Existirmos: a que será que se destina? Imagem esta feita à mão, com

canetinhas muito simples, numa folha A4 e fotografada com a câmera do meu celular.



Revisitando esse momento e reparando em detalhes, percebo o quanto ele é revelador. Primeiro, o texto contém questionamentos e experiências, angústias e inconformismos, referências e visão de mundo. Assim, uma extensão dos diálogos que sempre guiaram minhas aulas. Não foi à toa que reproduzi naquela imagem, mesmo que intuitivamente, a identidade visual que emprego nas lousas das escolas. Segundo, o trecho é um chamado para um olhar atento à vida, um convite à transcendência. Desse modo, busca por autoconhecimento e alimento pra alma. E por último, talvez o mais importante, trata-se de um trecho de música. Não sei ser sem a música, nem me lembro da vida sem ela, por isso, sempre que preciso entender com certa profundidade, recorro e ela sempre me socorre. E quando quis melhorar minhas propostas pedagógicas não podia ser diferente: mais uma vez a música foi meu argumento, minha essência e identidade.

Os trechos de música que motivaram os textos desse livro são fruto muito mais do meu próprio **Repertório Cultural** do que de extensa pesquisa. Com isso quero destacar o quanto cada um de nós possuiu uma memória musical e o tanto que ela nos fornece possibilidades interpretativas. Mais ainda, desejo enfatizar o quanto minha trajetória é permeada pelas canções que aprendi em todos os lugares que passei e com as pessoas que convivi. Dessa maneira, não há hierarquia na sequência dos textos, estão organizados por temas, proximidade de estilo e grande dose de afetividade, sobretudo desenvolvida junto aos leitores e incentivadores da **Trechos e Textos** na internet, a quem agradeço muito pelo carinho e respeito recebidos. Ao compartilhar meus textos aprendi que algo profundamente meu pode dialogar fortemente com outras pessoas e suas vidas.

Os textos nem sempre tratam de como as coisas são, mas sobre como elas poderiam ou deveriam ser. Durante o processo criativo, transitei entre esses dois caminhos que nem sempre se cruzam, mas tentar juntá-los tornou-se um exercício prazeroso, porque envolvia mais do que leituras e reflexões, acima de tudo, imaginação e criatividade. Por essa razão ocorrem algumas ressignificações que pretendem surpreender, provocar e até mesmo divertir.

Confesso que existe um lugar-comum que aparece em vários textos, quase um mantra e que assim seja: a arte salva! Repito e insisto, porque assim quero viver e criar. Sigamos juntos!

Boa leitura!



trechosetextosmus

Corumbá Capital do Pantanal



“EXISTIRMOS: A QUE
SERÁ QUE
SE DESTINA?”

CAETANO
VELOSO

[CAJUÍNA]



Queda livre na escuridão, mortal triplo no incerto e de mãos dadas com o imponderável. Esse é o absurdo da existência. A vida é um feito incrível, mas construída sobre um frágil equilíbrio. Um pouco mais de uma substância, pouco menos de outro elemento e pronto! Ela não seria como é. Talvez nem fosse! Assim, um milagre. Só não me atrevo apontar um autor para a obra.

Quanto ao seu sentido, a estrada sinaliza para o vazio, profundo e angustiante. Porém, a angústia é própria de quem é livre, mas finito e incompleto. Gastamos muito tempo e energia na busca de preencher esse vazio. Criamos, reinventamos e destruimos com tal objetivo. Pílulas, cápsulas, epístolas e muitas cláusulas enclausuradas. Do “super-ultra-mega” à nanotecnologia!

Fomos longe, é verdade. Mas ainda somos condescendentes com a miséria que mata antes de nascer e crescer. Estamos entre um grão no pálido ponto azul e o antropocentrismo. E nossa liberdade encontra muros e algemas. A realidade bate forte e põe à lona, espalha incontável vontade de não-ser e deixar de existir.

Isso nega ou reforça a liberdade do ser? Se não há essência antes da existência e somos o que fazemos de nós mesmos, cada um de nós, em seu tempo, responderá ou não. O fato certo é que o humano, tolo, esperançoso, divino e maravilhoso, segue na corda bamba com a sina do perene construir-se a si próprio!



trechosetextosmus

Corumbá Capital do Pantanal



“PRESTE ATENÇÃO,
O MUNDO
É UM MOINHO!”

CARTOLA [O MUNDO
É UM MOINHO]



Mano caminha elegantemente triste depois que Rosa o deixou com ele mesmo.

Rosa criou intolerância a egoístas depois de muito querer sozinha com Raul.

Raul tornou-se duro consigo mesmo assim que Beatriz caiu no mundo sem lhe avisar.

Beatriz cansou de dar satisfações para Juca, que não a satisfazia.

Juca só pensava em suas vontades, vacinado por Ana, que sempre o deixava na vontade.

Ana queria mais cumplicidade e diálogo, ainda mais depois da insaciável Maria.

Maria decidiu viver intensamente assim que Roberta reclamou e fugiu de suas ausências.

Roberta sabia que merecia mais do que Carlos lhe dava.

Carlos aprendeu muito sobre expectativas irreais com Paulo.

Paulo ficou muito realista e cético assim que Cris devolveu as alianças.

Cris não se amarrava em símbolos, ainda mais depois de José sair de casa.

José saiu e não encontrou o que procurava, porque não se encontrava. Mas achou muita gente procurando. Toda essa gente ainda tem fé em si mesmo e no amor, mesmo que seja um daqueles de Sessão da Tarde, em que não dá pra acreditar, mas diverte.

Nesse redemoinho de emoções reais, aprendemos aos poucos que ninguém caberá justinho em nossos sonhos. Triturados, moídos em pedacinhos, estilhaçados e reduzidos a pó enxergamos muito melhor nossos átomos. E cada um deles só deseja ser feliz.



trechosetextosmus

Corumbá Capital do Pantanal



" AMANHÃ
VAI SER
OUTRO DIA "

CHICO
BUARQUE

[APESAR DE VOCÊ]



A esperança é a energia limpa e renovável dos inconformados. Ela ocupa, resistente, os corações iluminados que creem no amanhã. É o dínamo das revoluções. É a força da natureza que embala o desafio de existir.

Porque somos bichos da rua, da praça pública, mas, no processo de coisificação de tudo, admitimos a nossa domesticação. Nosso olhar sobre o mundo anda estilhaçado. É até mesmo uma questão anatômica, quem só olha para o próprio umbigo não enxerga nada além. E sem a visão do todo, adicionamos o Grande Irmão, que nos segue de volta, atento. Tudo vê, tudo sabe.

Apesar disso tudo, das novas tecnologias emergem redes de comunicação emancipadoras, capazes de dar vez e voz a quem nunca foi protagonista. Plataformas e ferramentas que possibilitam uma outra globalização, das ideias de liberdade, igualdade e fraternidade real. Para além da mera circulação de mercadorias.

A contramão do *status quo* é a nossa via preferencial. Não é são nem justo desejar conservar o mundo como está, significa manter injustiças, ser cúmplice e indiferente a tanta perversidade. Apesar disso tudo, mesmo não sendo os mais fortes, nos adaptamos e superamos as mais diversas situações. Nessa evolução criamos uma casca impermeável à desistência.

Pela força do hábito acreditamos no amanhã. Principalmente, que ele será novo e melhor. Alguém pode achar ingênuo, sem problemas. Mas, olhando a História, vejo que a nossa marca é a superação, que certas coisas apodrecem muito rápido e que continuamos a fazer arte, porque ela é a única que nos salva, apesar disso tudo aí!



trechosetextosmus

Corumbá Capital do Pantanal



“ EU QUERO A SORTE
DE UM
AMOR TRANQUILO ”

CAZUZA

[TODO AMOR QUE
HOVER NESSA VIDA]



Nosso amor é explícito e nos cerca por todos os lados, podemos errar em todas as direções e sem as contradições do medo. Juntos e solidários, estancamos as angústias e lambemos nossas feridas. Viver não é mais um ensaio fúnebre, porque resetamos a existência sem se amarrar em questões de sentido. Danem-se as doutrinas e os pressupostos teórico-metodológicos!

Nossos corpos são nossas enciclopédias, onde subvertemos todas as leis. Enquanto todos se afastam e se isolam, nos aproximamos mais e mais, até ocupar o mesmo espaço, vivendo da nossa própria energia e tranquilamente desgovernados. Dançamos com as estrelas de um universo paralelo em que o mistério rege a lógica.

Somos uma espécie de terra que ninguém prometeu, nação flutuante que renasce a cada dia. Nossos tratados são invisíveis, mas não são sigilosos. Nossa bandeira é branca, já que reúne todas as cores. E nossa História tem como fonte as memórias de nossas peles.

Haverá dor, não será fácil e nem tão tranquilo assim. Sabemos que o amor é puro, não piegas. Ele é simples, não monótono. Não custa caro, mas não é gratuito. Pro nosso bem, já entendemos que felicidade não rima com ingenuidade. Nascemos dos nossos esforços, crescemos em transformação e o nosso vir a ser caminha pro mesmo lugar. Pra nós, o amor nunca será uma palavra desbotada e minúscula.

Quem não ousar amar sequer imagina o sabor de uma vida plena, nunca saberá a diferença entre o muito e o nada. A dura realidade chama de loucura o que vivemos, nem sabe desejar o que temos porque suas coisas derretem tão rápido. Acariciam nuvens de fumaça como se elas fossem o abraço mais calmo e seguro, tamanha sensatez.

E lá vamos nós, de mãos dadas e confiantes levitamos sobre o caos, não estamos mais sozinhos. Sorrir deixou de ser um estranho protocolo, agora é um convite irrecusável. Nossa presença no mundo é poesia concreta, leitura pra uma vida inteira. Por isso me alimento de letras e palavras, todas elas são sobre nós.

Somos dissonantes, harmoniosamente desencaixados. E essa nossa arte de amar é a mais transgressora de todas, porque ela nos salva de nós mesmos.



trechosetextosmus

Corumbá Capital do Pantanal



“NEM QUE
EU BEBESSE O MAR
ENCHERIA O QUE
EU TENHO DE FUNDO”

DJAVAN

[SEDUZIR]



O animal mais ambicioso é o ser humano. Seu apetite supera buracos negros. Atravessou o mundo a pé buscando e buscando. Hoje ainda o faz, mas em trajes espaciais. Esse saiu e nunca mais voltou para si.

E o animal humano, que nada sendo procura algo ser, caminhou firme no incerto, entre a ganância e a ambição. Dominou a natureza, pregou nela o seu ritmo. E na velocidade que consumimos a nós mesmos a ela também devastamos.

Entretanto, essa coisa de não caber-se em si levou o animal ao humano. Que cria símbolos, templos, teoremas, filosofias e tantas coisas em busca de explicações que sempre apontam de volta para o seu âmago. Porque quando explicamos o Big Bang ou a Gravidade nos colocamos como quem ensina o Universo a ser quem ele é. Pretensão elevada a mil!

Ambição ergue e destrói! Nós, humanos, alcançamos muito mais do que podemos suportar. Para isso cortamos raízes. Algumas eram danosas, outras nos colocavam os pés no chão. A superfície das coisas não é tão atraente assim. É nas profundezas e o no infinito espaço que nos reconhecemos.

As coisas são temporariamente inalcançáveis para nossa mente. Nossa sede e fome por livros, filmes, conversas, lugares e experiências são insaciáveis e saudáveis. Sempre cabe mais água nesse oceano.

A nossa maior ambição deveria ser nos identificarmos com a beleza que reside em nós e espalhar arte, nossa maior invenção. Mas pretensão ambiciosa mesmo, do tipo aguda, crônica e incurável é essa minha, que escrevo sobre essas coisas todas aqui do meu quintal, com os pés no meu lugar e a cabeça no universo.



trechosetextosmus

Corumbá Capital do Pantanal



"NÃO HÁ O QUE PERDOAR
POR ISSO MESMO
É QUE HÁ DE HAVER
MAIS COMPAIXÃO"

GILBERTO
GIL

[DRÃO]



Pedir perdão é admirável. Melhor mesmo é não errar de novo. Senão as desculpas ficam esfarrapadas. Dizer que não perdoaria uma atitude significa que você nunca faria aquilo. Digno e perigoso na mesma medida. Cuidado com o vão entre o pensamento e a ação!

Quanto da sua atual versão existia há dez anos? Quanto do que tem hoje quer carregar para o futuro? Ser indiferente não é opcional nesse caso. É tentador querer fazer da nossa conduta uma norma universal. E quando mudarmos, exigiremos o mesmo no outro? Há coisas que são mais fáceis de falar do que fazer.

Há quem estufa o peito e diz: “não me arrependo de nada!”. Este caminha entre os deuses mais elevados e os seres mais bestiais. Calma, a ficha demora, mas cai. Cada um transita no seu tempo. Maturidade e sabedoria nem sempre tem a ver com idade e experiência. Também não é saudável apenas reconhecer o tamanho das coisas depois de perdê-las.

Quem, entre nós, humanos mutantes, acredita possuir a lança da remissão dos pecados e o altar da absolvição, ainda não tocou os pés na vida terrestre, assim, encontra-se entre o nada e o mais puro vazio existencial. Pior ainda, pensa que suas vestes conseguem encobrir o mundo todo.

Todos nós um dia faremos algo impublicável. Tenho mais dificuldade em me perdoar do que me ver perdoado. Os pecados são meus e a consciência não esquece. Enfim, vamos renascer das cinzas e desancorar das sombras! É com o peito aberto que se cura o coração. Não vou aguardar um tom fúnebre para me redimir.



trechosetextosmus

Corumbá Capital do Pantanal



" PREFIRO
SER
ESSA
METAMORFOSE
AMBULANTE "

RAUL
SEIXAS

[METAMORFOSE
AMBULANTE]



Um mundo multidimensional não merece uma interpretação bipolar. Porque a primeira impressão traz apenas vultos do que as coisas podem ser. Nosso Titanic de certezas só enxerga a ponta do *iceberg*, tudo é muito mais do que se mostra.

Não maturamos nossas ideias, a Força do Hábito oferece convicções confortáveis e nelas nos aconchegamos. Mesmo assim, o que até ontem era maravilhoso, hoje nem figura no Top5! É a famosa “Melhor Banda de Todos os Tempos da Última Semana”. Porém, não se trata de revisão crítica e profunda de nossas ideias, mas o atestado de um mundo volátil, que descarta numa velocidade estonteante.

Rasgamos a “Folha em Branco” do Locke, onde as experiências ensinam conforme vivemos e pensamos as coisas vividas. Desejamos um paraíso garantido, hipnotizados com formas ideais de felicidade. Queremos um futuro que não mude de lugar, nos esperando intacto.

Kant nos desafiou com um grito imperativo: “ouse saber!”. O ser humano crescendo, saindo da condição daquele que apenas repete chavões, autônomo intelectualmente, com a coragem de desdizer a si próprio, sem embaçar a visão com lentes ideológicas nem generalizações nocivas. Contudo, como o autoconhecimento nos aproxima de nós mesmos, por vezes preferimos a ignorância e a imobilidade.

Sabemos que é preciso lascar e ferir para lapidar, com ideias que transformam também é assim. Não somos papagaios coloridos, nossos movimentos internos são capazes de sacudir o mundo. Não há necessidade de arrastar ideias cadavéricas que não respiram mais sozinhas. Tudo tem seu final num universo em constante mutação, até mesmo as opiniões formadas sobre tudo!



trechosetextosmus

Corumbá Capital do Pantanal



"ELA PARTIU...
E NUNCA MAIS VOLTOU"

Tim MAIA

[ELA PARTIU]



Madalena pisou seu próprio caminho com tanta força que mudou rumos e direções. Hoje, o seu coração guia os sentidos. Ela segue firme e nunca mais voltará ao ponto de onde partiu, porque transformações se alimentam constantemente de transformações. Isso não seca, não cessa. Aliás, nada preenche totalmente o ser que realmente existe. Ela sabe, por isso atingiu a tranquilidade da alma.

Madalena espatifou as expectativas, quase todas eram alheias e irreais. Agora ela sabe que a vida não cabe no espelho, só ela pode refletir o que ninguém vê. Seu corpo só obedece a suas próprias regras. Sua mente é o território da liberdade, justamente porque não foge da luta diária contra seus pensamentos mais corrosivos. Ela domesticou todos seus demônios e só ela podia fazer isso.

Madalena concebeu seu próprio renascimento. Ela é a arquiteta de sua desconstrução. Ela engana o destino quando protagoniza sua História. Ela é uma obra de vanguarda que só a natureza entende. O público segue desconfiado, trata-se de um roteiro adaptado a uma nova realidade. Ela não é a mocinha clichê nem uma anti-heroína romantizada.

Madalena não gostava de ver sentido no sofrimento e como a dor não liberta, libertou-se da dor. Buscou novas cores e amores, acabou descobrindo que gostar de si nos prepara para gostar do outro. Ela não mergulhou suas tristezas no esquecimento, mas decidiu construir vias opostas a tudo que lhe fazia mal. Assim, partiu e nunca mais voltou a permitir-se a infelicidade de não estar bem consigo mesma.

Madalena nunca acreditou em fórmulas mágicas e soluções rápidas e fáceis, muito menos para as coisas da alma. Ela sentiu todas as dores das mudanças que provocou em sua vida. Ela é praticamente uma reinvenção. **Porque não nasceu Madalena, tornou-se Madalena!**



trechosetextosmus

Corumbá Capital do Pantanal



“ CONSIDERAMOS JUSTA
TODA FORMA
DE AMOR ”

LULU
SANTOS

[TODA FORMA DE AMOR]



Não existe amor impossível. Isso é uma afronta ao agir involuntário dos corpos. O amor é transcendental e nada pressupõe. Revela além do que queremos saber. Deseja e descobre inesgotavelmente. É explícito e intraduzível. Cura e alucina. Move e paralisa. Tudo explica sem nada dizer. É um hino à vida!

Temendo a diversidade decretamos “somos todos iguais”. Um padrão inacessível até mesmo para grande parte daqueles que o defendem. Não somos iguais, nem precisamos ser! Eros foi guilhotinado em nome da Civilização. Construimos obeliscos e tabus com a mesma intensidade. Entre a cruz e a espada cobrimos o corpo e a fala de muitos. A rotina condiciona a retina, constrói e reproduz rótulos e estereótipos. Tudo carregado de formas, símbolos, expectativas, neuroses e ressentimentos. Um mal-estar! Afinal, o inferno são os outros. E esse seria o destino dos “degenerados”.

Entretanto, o pensar reflexivo promove uma maior consciência de si e uma solidariedade concreta. Uma ampla noção da diversidade humana e das interdependências entre nós. Infelizmente, da ausência dessa habilidade resulta a nossa incapacidade de universalizar direitos fundamentais. Mas uma nova ordem é possível e urgente. Que possamos resolver violências específicas com ferramentas específicas. Cessar a histeria e deixar apenas o intolerante no armário. Mas também alcançar o nível da luta pela Causa Humana, parte e todo ao mesmo tempo.

O amor se alimenta da liberdade. E liberdade sexual tem muito mais a ver com as pessoas decidindo os rumos e os ritmos do que com o número de parceiros. Querem fazer crer numa promiscuidade fantasiosa para não encarar o óbvio que também habita quem acusa.

O universo das coisas do amor é infinito e particular. LGBTTTQQIAA e muito mais! Ainda assim não é possível classificar o que quer e o que pode a existência humana.



trechosetextosmus

Corumbá Capital do Pantanal



“EU TOMO
CONTA DE VOCÊ,
MAS TE QUERO
LIVRE TAMBÉM”

MARISA MONTE [A SUA]



Meu abraço quer ser um lar pra você. Também sei que ninguém fica em casa o tempo todo. Você precisa respirar a cidade, calçar seu caminho e buscar seu algo mais. Nossa conexão se dá por aí, pelo que cada um tem e quer dividir com o outro. Nosso mundo é feito à mão, nem tudo que é meu cabe justo em você, mas a gente se ajeita e faz acontecer.

Sabemos que é melhor estar inteiro. O que não quer calar, falamos. O que não precisa ser dito, nosso é. Nas coisas do amor não vale a pena empatar. Esse resultado não satisfaz ninguém e traz gosto de derrota. Devemos ganhar novos horizontes, mas sem perder o caminho que leva ao outro.

Quando te quero pra mim, não te quero só pra mim. Quero porque sei que posso querer, sabendo que você me permitiu isso. Você é sua, por isso pode ser minha e de quem você quiser. Assim, tive que aprender a afinar a melodia nesse tom, pra não cantar sozinho. Não levo jeito para carreira solo. Gosto mesmo é de harmonizar com você. Tem um agridoce singular. É a nossa melhor versão.

Nesse labirinto que é a nossa vida, decidimos buscar juntos a saída. Descobrimos que não há saída. Sem problemas, a graça está na busca e na companhia dessa caminhada. Se um dia a gente decidir pegar caminhos diferentes, sigamos em frente com as marcas que fizemos um no outro.

A gente aprendeu a ocupar os melhores espaços que temos e sendo um do outro, ampliamos nossa liberdade e nossa existência.



trechosetextosmus

Corumbá Capital do Pantanal



“ DEIXA EU ENTRAR
PRA VOCÊ
ME PRENDER ”

FUNDO
DE
QUINTAL

[FRASCO PEQUENO]



Intimidade, eis a questão! Ela se constrói sem pressa, passo a passo, reparando cores e gestos, ouvindo sons e pausas, falando de peito aberto. E nela podemos encontrar uma ilha para o exercício da liberdade. Ali é possível uma ação arriscada: mostrar quem realmente somos. E isso acontece. Será esse o motivo de tanta gente fugir da intimidade?

Intimidade é algo incrível! Alguém saber, só de olhar, que estamos inseguros. Melhor ainda é isso não ser um problema. É como limpar juntos o céu dos dias nublados. Ouvir “como vai você?” e saber que não é apenas retórica, compartilhando os fardos sem sobrecarregar ninguém. É encontrar música da alma naquilo que só contamos um para o outro. Ser otimista, não necessariamente sincero, quando diz “vai ficar tudo bem”. É ler poesia concreta nos detalhes desenhados em nossos corpos. É compreender que o outro não nasceu no dia em que você o conheceu, mas que pode renascer com você. É fazer carnaval segunda-feira, na hora do almoço. É se jogar com a certeza que encontrará plumas ao pousar. Dizer não tranquilamente e não ser julgado. É silenciar e ser totalmente compreendido.

Intimidade demanda tempo e isso nós temos, sim! Mas também temos ânsia pela coisa pronta, um amor tipo fim de novela, esquecendo que até isso não aconteceu de repente. Ninguém se engana, atrás das bebidas coloridas e com fogos de artifício, mora um carente pedindo atenção, preso numa liberdade que não escolheu.

Nenhuma liberdade é total. Até Sartre admitiu isso. Inclusive, mesmo “solto na pista”, ele sempre voltava para Beauvoir. Condenado a ser livre, escolheu se prender a ela. A liberdade só é real quando seus limites são reconhecidos. Caminhar tranquilo e não bater a cara nos muros. Ser o melhor nos espaços que puder. Intimidade nos prende a quem nos conhece profundamente, isso pode gerar tranquilidade e pânico na mesma medida, porque tirar a roupa é mais fácil do que despir a alma.



trechosetextosmus

Corumbá Capital do Pantanal



"PELA LEI
NATURAL DOS ENCONTROS,
EU DEIXO
E RECEBO UM TANTO"

NOVOS BAIANOS [MISTÉRIO DO PLANETA]



Incerta vez, numa escola nas montanhas, um aluninho chegou e disse “posso entregar o trabalho que era para sexta-feira? É que minha mãe morreu, não pude vir”. Recebi um baita nó na garganta. Quis dizer, mas não deixei mais do que um silêncio que ainda grita na minha cabeça que não dorme.

Fui divulgar um evento numa escola que havia trabalhado. Fui aplaudido ao entrar em uma das salas. Não conto isso por vaidade, mas por espanto. Ninguém merece tanto. Na verdade, nunca tinha pensado no que podia ter deixado naquele lugar, naquelas pessoas. Mas, aos poucos, fui lembrando que fora ali que decidi, pela primeira vez, deixar não apenas meu conteúdo de História. Falei sobre um tal Repertório Cultural, que recebi e também queria deixar. “Interpretar é dar sentido”, queria de verdade saber as palavras que carregavam. Desenhei uma árvore no canto do quadro (isto não é uma árvore!), brincava de Magritte. Onde, ainda tímido, usei violão e cavaquinho para mostrar as canções que aprendi em casa e que me deram as lentes que uso. Coisas que hoje me acompanham em todos os lugares.

Resolvi falar de Orwell e seu Big Brother trágica e lindamente anunciado. Falei do meu irmão que gostava de Fuga das Galinhas porque leu Revolução dos Bichos. Li João Cabral, intertextualizando com Vida Maria. Falamos de Renascimento, ainda mexidos com a Invenção da Infância. Acima de tudo, li suas histórias quando perguntei “Como você gostaria que estivesse sua vida daqui a 10 anos?”. Nada é clichê por acaso, mas, recebi muito mais que deixei.

Só sei das coisas que recebo, do que deixo dependendo de notícias. Tudo isso me fez e faz pensar no meu lugar, no meu ofício. Palavras e atitudes deixam registros e não temos quase nenhum poder sobre suas interpretações. Mesmo assim, cabe

a nós direcionar as intenções. Nunca esquecer que todos têm história e que ao longo da caminhada recebem e deixam. Isso é trajetória e merece respeito.

Não tenho medo de ser esquecido, não sou Aquiles. Mas receio não deixar nada de bom em ninguém. Ainda mais de quem recebo tanto. Não é justo ser desproporcional nessa questão.



trechosetextosmus

Corumbá Capital do Pantanal



“ É IMPOSSÍVEL
SER FELIZ
SOZINHO ”

TOM JOBIM

[WAVE]



“O Maraca é nosso!” Enquanto a nação festeja, alguém lava o banheiro do maior estádio do mundo. Alguém que nunca entrou ali para torcer e extravasar um gol. Seu uniforme não tem distintivo de campeão. Um herói improvável, sem entrevista ao final do jogo.

Li em algum lugar que um carro tem milhares de peças. Quantas mãos e serviços até você sentir aquele cheirinho de novo, com gostinho de realização? Nenhum operário assistiu sua saída triunfal da concessionária. Lágrimas e buzina pelo sonho de infância, novas trilhas e possibilidades que a vida motorizada proporciona.

O café da manhã no hotel das férias dos sonhos foi cuidadosamente preparado por pessoas que não saíram na *selfie* com *hashtag* lacradora, esfregando na cara da sociedade seu grande momento, pago em doze parcelas dignamente atrasadas.

Admiro todos aqueles que construíram sua própria casa própria. Mas não conheço ninguém que tenha feito isso. Fez tijolos no quintal, plantou e cortou madeiras, além de rebocar sozinho as paredes. Quem as ergueu está do outro lado do muro, do outro lado do fosso, no fundo do poço.

Até acho justa a preocupação com o modo de produção da proteína animal, mas é o mesmo sistema que tritura pessoas e seus sonhos para abastecer outras pessoas e seus sonhos. Quantas vezes ouvimos ou até dissemos “se você não estudar vai ser lixeiro”. Se você é tão mais importante que este trabalhador, faça você mesmo e sinta-se orgulhoso de não precisar de ninguém.



trechosetextosmus

Corumbá Capital do Pantanal



"QUANDO A PAZ
FOI ENSINADA
POUCA GENTE ESCUTOU"

ROBERTO
CARLOS

[TODOS
ESTÃO SURDOS]



Arte da Guerra tem grande audiência. É muito lido e ensinado. É levado a sério! Tzu vende mais que Tsé! Tantos livros, monumentos e documentários sobre estratégias das grandes batalhas. Quantos desses ensinam o bem-estar coletivo? Domesticamos a natureza, pisamos a Lua, um grande salto para longe da humanidade. sem buscar a paz, topamos a guerra!

Mais de 50 milhões de mortos na Segunda Guerra Mundial: essa frase sai quase sem dor de nossas bocas. Esquecemos que muitos pais enterraram seus filhos. Guerras nos deixam menos humanos e quase não houve tempo sem a sua presença. Não sabemos como é a outra face. Entendemos que para garantir a paz é preciso fazer guerra.

Reis, divinamente armados, impõem tratados de paz. Assinam com as armas que assassinam, carimbam com sangue alheio. Protegem as barreiras que ergueram para sua liberdade. Olho por olho! Escrito na pedra pra lembrar na pele. Lâmina da justiça, lei da vingança. Ajoelhada, refém da tirania, sangrando na praça, a paz está proibida de existir!

Toda guerra é decadente, porque os ditadores bebem seu veneno diário no mesmo copo de terror e amargura. Os eloquentes fazem carnificinas parecerem caminhos dourados para a glória eterna. Arrebanhar para a morte é mais fácil do que para um mutirão em favor da vida. A paz vem perdendo os debates e não anda muito popular no interior. Quando a paz não é uma boa arma política, vence a política das armas.

A paz não enferruja, mas requer manutenção. Derrubou impérios fazendo silêncio, por isso nunca se dobra, nunca se cala. Sua linguagem corporal não é tão sensível ao olho humano, mas pode cicatrizar e curar feridas na alma. Não caminha com quem a ameaça e acha que ela é descartável. Que eles nunca se esqueçam:

A paz

invade

ocupa

desarma

ela nunca se rende!



trechosetextosmus

Corumbá Capital do Pantanal



"EU SOU APENAS
UM RAPAZ
LATINO-AMERICANO"

BELCHIOR



Batismo de sangue, fogo cruzado nos céus, ladeiras de asfalto movediço, rios de casas solenes e vazias vigiam o rio, escorrem devagar os corpos que suam lágrimas entre muros duros de imaginar. Tece e acontece mais um dia no coração da América do Sul. Um mundo nos cerca, assiste desinteressado e vê o que quer. Quem não sabe a localização também tentou nos varrer do mapa, ainda tentam. Como não sabem onde estamos, nunca vão nos encontrar!

Aliás, decidiram o centro, sem saber que aqui já existia o umbigo do mundo. Também temos direito à excentricidade. Mas, os filhos dos gregos são os mais civilizados. E civilizado é todo aquele que se acha no direito de eleger quem são os bárbaros. Reconhecem a diferença de uns vinhos, lidam com meia dúzia de talheres, leram Sartre e não entenderam, esses são os avançados. Minha oca só tem Cartola, Neruda, Galeano e Mercedes.

Caminho muito bem com meus clássicos, com eles aprendi o que é o ser universal. Tenho meu lugar, meu canto, o planeta passa por aqui. Estradas ancestrais da globalização das matas, o meu olhar saúda o seu. São redes que ninguém deita, aqui caímos em pé, punho cerrado e cabeça erguida. A cor do nosso sangue assusta a nobreza de sangue ralo.

Um suspiro racional e perverso trouxe as belezas da modernidade para nosso quintal. Nossos templos há tempos dialogavam, os deuses descansavam e os fiéis piamente ignoravam. As linhas avançaram e o velho mundo rezou sua cartilha. O sinal em que busco proteção já sangrou muito peito, milhões para prometida vida eterna. Deus também recebe de braços abertos quem matou em seu nome? Recebe quem morreu por nele não acreditar?

Risível, um deus que a tudo perdoa parece criação de quem precisa muito ser perdoado. Mas ninguém pedirá misericórdia por expandir a fé e apresentar o progresso. Poucos achavam fazer o bem, muitos tinham certeza do que faziam em seu próprio benefício. Entretanto, somos outro nível de alegria. Mesmo com a lança apontada na cabeça e a fome como nome, carregamos essa cruz, mas do nosso jeito, nossas cores e com nomes que só entendedores entendem.

Ainda verei a História sendo vivida de outro jeito. Já pensou, a gente contar nossa História e ainda se incluir como protagonista? Que belíssimo desacato! O mundo daria voltas e não mais voltaria ao mesmo lugar. Nada mais seria fatalidade, nunca mais seria novidade o impulso dos tiranos pálidos e seus discursos coloridos. Não esperaríamos sentados por redentores que conduzem para nada além de precipícios.

Um dia, quem sabe hoje, a gente podia se ver. Sem precisar ir muito longe, conversar e perceber que estamos unidos pelas mesmas marcas, mesmos sobrenomes e mesmos gritos. Nossas veias estão abertas e nossas feridas não cicatrizam. Somos comuns, na dor, na vontade e, principalmente, na esperança. E eu sou mais do que um simples americano, sou muito mais, sou latino-americano.



trechosetextosmus

Corumbá Capital do Pantanal



"A CARNE
MAIS BARATA
DO MERCADO
É A CARNE NEGRA"

ELZA SOARES

[A CARNE]



Nem tudo pode ser comprado! Preço não define valor e o Ser jamais será adquirido, ele já ficou na praia, saudando o Não-retorno. Aquele que compra consome a carne até roer o osso. Porém, para atingir a alma é preciso também possuir uma, não era o caso. Imagine a sina de nascer na tumba, um perpétuo socorro! Ao som do mar e sem a luz do céu profundo, o barco segue e a vida não é mais vida.

Esse banzo mata! Tristeza também é legado. Por aqui ninguém canta coisa triste sem evocar o som do tambor. É a dor marcando o tempo dentro e fora do peito. Se teu sangue não bate com o meu, estamos em outro ritmo. Se não entende meu lamento melódico e grave, a gente não rima. Não existe métrica e compasso pra tanta desigualdade, tanto contratempo. Dissonantes nem sempre combinam com um som natural e ancestral, um lance umbilical.

Gerações em transe, em trânsito entre o nunca mais e o não virá. Sangue, suor e lágrimas deitam numa cama de sal e cacos de vidro, depois de doze horas de trabalho, tronco e tortura. Cortesias e gentilezas da Casa-Grande, hospitalidade nos trópicos. Sempre levanta, ginga dançando e aprende a língua de quem te bate. Quem nada tem tudo cria. Essa língua é macia de tanto apanhar. Nossa música chora lindamente e não aceita tristeza feia.

Resistência significa ainda sou gente! Não abrir mão de viver e existir. Esse grito de humanidade estremece até as velhas estruturas. Enquanto alguns reclamam nenhum direito a menos, outros querem pelo menos um direito, o de ser. E ser é ser livre. Se todos nascem livres e iguais, nem todos vivem livres e iguais. Se não vale viver assim, vale lutar até morrer. Essa questão é inegociável!

Organize um movimento, oriente um carnaval, questione um monumento. Leia cada sobrenome escrito nas placas das esquinas, avenidas e escolas. Se você não entende é porque não te pertence. E você tem o direito de ocupar. Chega de ser um público privado de direitos! As novas correntes pensam ser invisíveis, mas quem já viveu com elas reconhece seu peso.

Sorria, você é filho da escravidão! Está no seu prato, na sua carne. Todo mundo tem um lado nessa história. Você alimentou ou foi alimentado por ela. Suas mãos estão em tudo, mas sem digitais. Construções sem identidade, documentos concretos de sua presença oculta. No entanto, as feridas não se escondem, elas se abrem e soltam o verbo. A Revolução vem sorrindo, mas não confunda, não vai ficar barato!



trechosetextosmus

Corumbá Capital do Pantanal



“ PENALIDADE
NÃO É LOTERIA ”

CRIOLO [HORA DA DECISÃO]



O que é, o que é? Constrói, mas não mora. Produz, mas não compra. É regra e exceção. Tem herança, mas não tem patrimônio. Está em todos os lugares, mas pode ser invisível. Está em maior número, mas é minoria. Vota, mas não elege. Quando atira também morre.

Constitui a “maioria invisível” entre os analfabetos-periféricos-desempregados-encarcerados-assassinados. Porque existe um labirinto vertical e intransponível entre o PIB e o IDH.

Do mito da igualdade racial para o mito do desenvolvimento, onde a perigosa confusão entre consumo e cidadania apenas aprofundou a concentração de riqueza. Assim, a democracia agoniza quando não há acesso universal aos direitos fundamentais. Isonomia não pode ser apenas virtual e existir não precisa ser tão difícil. “Ninguém é cidadão!”.

Num processo de retrocesso civilizatório, o preconceituoso sai do armário e se exhibe sem máscara, martirizando-se no racismo reverso e na meritocracia. Esteira para justificar o genocídio, agarrado em opiniões enquanto nega a História. Afinal, “bandido bom é bandido morto”. Mas, todo jovem negro da periferia é bandido? Pelo jeito a lógica é: até que se prove o contrário, sim!

O uso do monopólio da violência do Estado não é indiscriminado e aleatório. Esse vigiar e punir tem como símbolo uma caveira “que vem para buscar almas”. A bala que sai do revólver do sistema é adestrada e tem o endereço salvo no seu GPS. Sabe de cor.



trechosetextosmus

Corumbá Capital do Pantanal



“O MUNDO
É DIFERENTE
DA PONTE PRA CÁ”

RACIONAIS MC'S [DA PONTE
PRA CÁ]



Existe um território sagrado, onde tudo é possível, nada é inviável. O indizível não cabe na garganta. O tempo demora e devora, infinitamente inútil. A liberdade se expande exponencialmente. É casa flutuante, outra gravidade.

Anota aí localização...

Siga toda vida pelo Viaduto da Imaginação, desça pela Estrada da Fantasia, quebre na Viela das Alegorias, entre no Beco das Ficções, respire na Travessa da Criatividade; calma, muita calma na Esquina da Catarse! Mas acelere fundo na Rodovia da Inspiração. Quando chegar ao Bairro Era uma Vez, deixe se levar, mas repare na Ladeira da Metamorfose. Pare, olhe e escute todos os Sinais do Mistério. Considere sempre como via alternativa o centro periférico da Marginal da Poesia. Essa te leva onde você quiser.

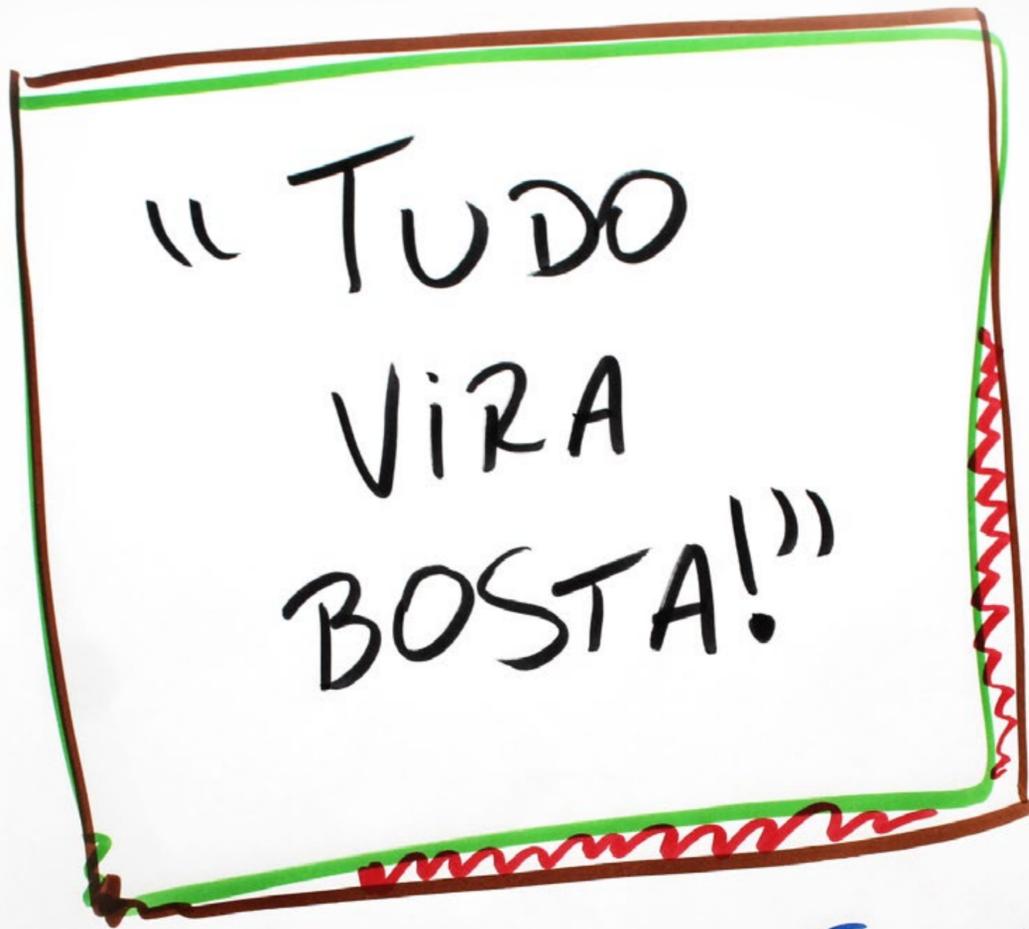
Fique atento! Por ali habitam seres de olhos brilhantes, enxergam para além do que se vê. Emitindo sons dissonantes num balanço ancestral em melodias astrais. São disciplinados em espantar-se com as miudezas da realidade, nenhum detalhe é pequeno. De corpos elásticos e mentes abertas ao infinito, a natureza começa e termina em suas veias coloridas. Sua língua é universal, traduzida pelo coração e transmitida através da pele.

Só quando chegar do lado de cá saberá que pegou um longo e perigoso caminho sem volta. Mesmo inquieto se deixe invadir por esse mundo diferente, vivendo e morando na Praça das Artes.



trechosetextosmus

Corumbá Capital do Pantanal



MOACYR FRANCO



A natureza é fértil em morrer. Tudo vaga na direção do fim, essa é a única liberdade das coisas que existem. Porque nascer é arrebentar-se em transformação, morrer é desfazer-se em coisa totalmente nova. Confessar isso é senha para uma outra vida, simples e plena.

Pra tudo que tem fim o mais importante é o trajeto. Andar muito não significa conhecer a estrada, existe muito para além da rota já pavimentada. Os sentidos que damos não mudam o destino final, nem por isso paramos de caminhar e buscar alimento para as estranhas forças que nos movem.

As coisas do peito e da alma possuem outro jeito de findar, devido ao desassossego e atmosfera que habitam. Talvez elas troquem duas ou três palavras com a eternidade, nada mais que isso. O que vem da razão não pode querer o mesmo, pois é coisa de gente e só dialoga com gente e isso não dura muito mais do que um século.

Se quem chora não é eterno, a dor também não precisa ser duradoura. Esse é o tempero das impermanências. A mudança é o combustível da vida, energia que se renova quando se extingue. Monumentos e intrigas evaporam na mesma velocidade, porque tanto o básico quanto o extraordinário evoluem para o nada, para um anônimo bege acinzentado.

Nada dura para sempre, porque nada que existe nem sempre existiu. Nem o Sol nem a mágoa, muito menos a vaidade e a saudade. Se euforia e agonia têm validade, imagine cargo e mandato. Enfim, tudo que surgiu há de desaparecer. Isso serve para planetas, constelações, estrelas e famosos.

Não entendemos nossas instabilidades porque não admitimos que nossa natureza é a metamorfose, esse é o espírito de um mundo cheio de nada. Nossa próxima utopia de sucesso talvez seja um mundo onde tudo é eterno e a oposição à ordem estabelecida lutará pelo direito de deixar de existir.

Nada é sozinho, porque tudo respira o último suspiro e nisso somos todos comuns. Sabemos que nem tudo resiste, mas algo em nós insiste em existir. Essa é a beleza espontânea que faz do fim um novo começo. E toda vez que houver fim, com certeza haverá vida pra continuar recomeçando.



trechosetextosmus

Corumbá Capital do Pantanal



" O FUTURO
NÃO É MAIS
COMO ERA
ANTIGAMENTE "

LEGIÃO
URBANA

[ÍNDIOS]



Não é possível negociar com o tempo. Este vem de espada nas mãos e sorriso no rosto. É impávido, invencível e inexorável. A relação com ele nunca se baseia na indiferença. Do alto de nossa vaidade acreditamos poder controlá-lo e defini-lo. Mas o tempo é uma espécie de deus onipresente. Ele tudo espia, mas nem tudo expia.

Somos imediatistas agarrados a uma ideia saborosa de futuro. Também vivemos em permanente saudade de um bom e velho tempo que se foi. Eis o desespero dos tempos: sempre desejamos outro lugar! Aquele que hoje exclama “no meu tempo” ouviu muito essa sentença. Desse modo, o “jovem” é o eterno inimigo dos saudosistas. Até o dia em que o jovem se torne um também. Resignado decretará: “não tem mais jeito!”.

Todo tempo tem sua cadência e seu estilo. O nosso talvez seja marcado pela velocidade em que quase tudo ganha um vazío de sentido. Em tempos líquidos tudo evapora. Os paradigmas não duram uma primavera. Pelo menos não se tornam dogmas anacrônicos. Mas cada um sabe a dor e a delícia do tempo que vive.

Desprezamos a máxima inscrita no templo de Apolo, que Sócrates transformou em referência filosófica: “conhece-te a ti mesmo”. Não temos tempo! Estamos ocupados em novos *gadgets*. Daí o *boom* dos livros de autoajuda e dos aclamados *coachings*. Não formulamos novas perguntas, mas queremos respostas inéditas.

O Brasil ainda é o país do futuro? Esse futuro virá ou ficará no pretérito imperfeito? Quem há 50 anos sonhou com os dias de hoje está satisfeito? Analisamos o passado conforme dele nos afastamos. Mas nos divorciamos da História quando não fazemos nossa dolorosa autocrítica. Exaustivamente buscamos outro tempo, assim não temos pés em lugar algum. Corremos o risco de uma Neymarização, com saudade daquilo que a gente nunca viveu!

Contudo, o Universo ensina que antes do novo há sempre um colapso. Queremos o paraíso, mas sem Juízo Final. Mas se houver um, que seja à la Nelson Cavaquinho, onde o sol brilhará, o amor é eterno e a semente do mal não resistiu. Quero ter olhos pra ver o exato momento do meu tempo presente.



trechosetextosmus

Corumbá Capital do Pantanal



“ MARVIN,
O SEU DESTINO
EU SEI DE COR ”

TITÃS

[MARVIN]



Nada mais feudal que ter a vida decidida no exato momento do nascimento. Tataraneto de servo servo será! Sem pódio de chegada, zero expectativa! E tudo ainda pode ser pior quando o roteiro insiste no mesmo cenário. Afinal, quantas gerações ainda esperam no Morro da Providência por aquilo que não virá?

O Renascimento projetou o ser humano como referência para todas as questões. Ousou profundamente e eternizou um Deus humanizado na Capela Sistina. Teríamos nas mãos a caneta para escrever nossa própria história e nenhum problema resistiria ao uso da razão. Falhamos miseravelmente! O antropocentrismo se converteu em agudo egocentrismo. Há dúvidas se somos soberanos sobre nós mesmos nessa liberdade vigiada.

Igualdade só perante a lei. Liberdade para economia. Fraternidade entre proprietários. A Era das Revoluções tornou as mercadorias livres, mas levou a miséria aos Extremos. Massificamos, plastificamos e distribuímos sistemas de servidão.

O capitalismo possuiu brechas, pequenas possibilidades de mudança social. Uma linha fininha separa a realidade do canto da sereia. Comprar determinadas marcas não nos coloca num grupo diferente do que pertencemos. A ostentação não se sustenta! O tênis caro pisa na lama para entrar no barraco. Geladeira *frost free* está no gato. Celular de última geração não tem crédito. Consumir não traz plenos direitos, mas pode massagear o ego.

E assim, não achamos absurdo que nem todos tenham as mesmas oportunidades e condições. Mais ainda, que possam ser donas do próprio caminho, como muitos de nós imaginamos ser. Como numa bola de cristal maligna, onde a sorte não aparece, o futuro repete o passado, o destino sempre se cumpre, viver é sempre véspera do fim.



trechosetextosmus

Corumbá Capital do Pantanal



"SONHOS
QUE
PODEMOS
TER"

ENGENHEIROS
DO HAWAII

[SOMOS QUEM
PODEMOS SER]



“Nunca desista dos seus sonhos!” Dizem que essa é a grande marca dos vencedores. Esqueceram de advertir os sonhos de também não desistir dos sonhadores. Nem sempre rola essa reciprocidade. Quem acredita ter vencido na vida entende que perseverou e de nada desistiu. Esquecendo-se do tanto que ficou no entretanto, em *off*, dormindo ao nosso lado, mas nunca deixado de lado.

Desejos contidos pelos muros nada macios da realidade. Encantamentos submetidos aos relógios de ponto, inimigos do ócio. Delírios líricos enquadrados nas filas das lotéricas, engarrafados nos trânsitos, empacotados e etiquetados no submundo das mercadorias. Sonhos precisam ser alimentados de três em três horas, caso contrário, definham, secam, minguam, mas nunca morrem. Podem assombrar como pesadelos diários.

Vejo a dona de casa cantora, o professor que toca cavaquinho, a advogada bailarina, a contadora jogadora de basquete e a burocrata artista plástica. Todos com seus pés no concreto e cabeças no incompreensível tempo que ainda pulsa, mas não mais existe. Alguém poderia dizer que isso também é desistir. O amor por aquilo que coloria a alma e alegrava o coração cedeu para a luta diária das contas a pagar. Ninguém pode julgar o outro por querer viver dignamente, mas podemos examinar nossas prioridades enquanto sociedade.

Somos corpos cansados que vagam por vagas sem cabimento. Mentes atormentadas por questões que não fizemos e reprovamos uns aos outros. Almas acinzentadas pela falta de cor e de horizonte. Cada vez mais monossilábicos e monótonos. Produzimos de tudo, construímos do nada, mas não desconstruímos consagradas trajetórias de infelicidade. Olhamos, notamos, entendemos e fazemos tudo de novo e com maestria.

Queria ser sempre sincero com todos que digo “você pode ser tudo o que quiser”. Mas não quero ser desonesto comigo mesmo, muito menos com os outros. Porque reconheço as ladeiras enlameadas da busca pelos sonhos. Não quero ser cínico e atribuir apenas ao indivíduo aquilo que chamam de fracasso e sucesso. Não quero ser hipócrita e ainda não inventei um aparelho capaz de medir a tal da “força de vontade”. Mas não é difícil entender a existência de diferentes distâncias para alcançar o que se deseja.

O sonho de alguns é um país melhor, de outros é ir embora do país. O sonho de um é passar no vestibular, do outro é uma segunda refeição no dia. Uns querem uma casa maior e férias na praia, outros rezam pra não perder a casa com as chuvas de verão. O certo é que todos querem algo mais, uns acordados e outros dormindo.



trechosetextosmus

Corumbá Capital do Pantanal



“SERÁ QUE EU FALEI
O QUE NINGUÉM OUVIA?
SERÁ QUE EU ESCUTEI
O QUE NINGUÉM DIZIA?”

ARNALDO
ANTUNES

[NÃO VOU ME ADAPTAR]



Martin é dessas figuras saídas do livro do Zuenir: de boina e capanga, livro do Marcuse debaixo do braço, camisa estilizada do Che, *jeans* surrado, magrelo alto, barba falhada e brilho no olhar quando conta epopeias dos tempos de luta.

Não perde uma manifestação. Vê política em tudo! Chega entoando “Caminhando” do Vandrê. Logo que consegue interlocutores, conta entusiasmado que esteve perto do Chico e do Caetano na Marcha dos 100 mil, em 68. Ressabiado e orgulhoso diz que conhecia envolvidos no sequestro do embaixador americano e que quase foi pro Araguaia. Como é gente que faz, esteve nas Diretas, Já! Relutou mas pintou a cara em 92. E participou incrédulo e meio perdido das manifestações de 2013.

Não carrega mais bandeiras, desiludiu-se com a política dos políticos, mas ainda mantém fresco seu engajamento. Tem críticas organizadas e contundentes contra o que ele chama de “veículos convencionais de comunicação” e, claro, contra qualquer tipo de imperialismo. Afirma “não sou reformista, sou revolucionário!”. Mas não resistiu e se tornou mais um militante de WhatsApp, tem como avatar a foto clássica do Gabeira e sua frase é “Seja herói. Seja marginal”.

O que ele confessa para poucos e, às vezes, para si mesmo, é o quanto se sente desesperançado. Lembra que um dia lutou para colocar a imaginação no poder e que, naqueles tempos, nem o céu era limite. Hoje, mais realista, parece entender que as revoluções não virão dos grandes aparatos e multidões. Elas são diárias, silenciosas e eclodem em nós mesmos as mudanças profundas no curso da História. Martin se agarra no que pode e resiste bravamente a um mundo onde sua utopia agoniza, mas não morre.



trechosetextosmus

Corumbá Capital do Pantanal



"HOJE NINGUÉM
VAI ESTRAGAR
MEU DIA"

CHARLIE
BROWN
JR.

[CÉU AZUL]



Não abro mão dos meus direitos! Ainda mais daquele que considero sagrado: o direito de emputecer. Isso mesmo, sem palavras doces para azedas situações. Nem tudo na vida aceita eufemismos. Certas coisas não me deixam chateado, triste, aborrecido ou desgostoso. EU FICO PUTO!

Mas decidi que vou treinar o olhar e o pensamento para acalmar o meu coração. Quero colher o melhor do meu dia, não farei dele uma rua sem saída. Cada dia tem sua história e não serei o vilão na própria trama. Vou dançar conforme a música, caso ela seja boa. Do contrário, desligo o som e curto o saboroso silêncio das coisas que não dependem de mim.

Gosto de dormir, mas preciso acordar. Cara amassada logo cedo, mas pensando: se nada nem ninguém precisassem de mim poderia continuar no canto da cama. Sei que ninguém é insubstituível, mas não desejo ser dispensável. Encarar a rua vestindo sorriso e roupa limpa não é fácil, mas vou tentar. Só por hoje.

Se o trânsito embaçar, hora de abrir meu repertório. Jogar um Tim Maia na fuça da lentidão (“Não quero dinheiro, quero amor sincero!”). Cantar Felicidade do Seu Jorge em família dá um gás enorme. Às vezes chuto o balde e boto Capítulo 4 e Versículo 3, essa música me deixa gigante! Faço minha trilha sonora e pé na porta do dia! Gosto da música do Tim, mas quero dinheiro sim, ainda mais vindo do meu trabalho digno e honesto.

Chegando ao trabalho, a primeira tarefa: evitar os reclames! Não aguento nem o meu chororô. Fé e café! No meu caso, uma jarra inteira. A burocracia me quebra, mas abstraio e lembro que nada posso contra ela. Foco no filé em vez dos ossos do ofício. Encontro felicidade no que faço, gostaria que todo mundo pudesse ter isso também.

Não dá pra desviar de todos os problemas, mas não preciso me jogar em cima deles. Quero me cercar das melhores pessoas, por isso, preciso ser uma pessoa melhor. Já existe muito espinho nessa caminhada, não vou jogar contra meu próprio time. Os dias acabam, não há força que detenha esse movimento. Desejo que sempre acabem tranquilos e calmos.

Quero viver muito e muito bem em cima dessa terra e repito pra mim mesmo, várias vezes ao dia, meu mantra preferido: “só quero saber do que pode dar certo, não tenho tempo a perder!”.



trechosetextosmus

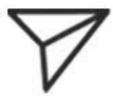
Corumbá Capital do Pantanal



"TE VER
E NÃO TE QUERER,
É IMPROVÁVEL,
É IMPOSSÍVEL"

SKANK

[TE VER]



Curvas sedutoras, silhueta anatomicamente ajustada às minhas vontades não ditas. Deslizo sobre seu corpo e acesso profundamente seu jeito de ser, seus ajustes, manias e essência. Com minhas digitais abro seus compartimentos secretos e, de uns tempos pra cá, só de olhar atinjo seus arquivos confidenciais. Quando você me olha reluzente, exibindo sinais vitais, não resisto e grudo agarrado por horas, partindo para um mundo melhor e colorido.

Protejo e cuido de você como joia de família. Não sei até quando vai durar, algo pode se trincar e não ter conserto, a velocidade tem força e altera a direção. Novidades surgem e a gente muda de ideia no mesmo ritmo. Por enquanto, meu tempo e energia são seus. Até porque você caminha com minhas memórias em suas memórias, lembrando meus melhores momentos e instantes marcantes. Traz noção do tempo o tempo todo. É meu guia, minha fonte segura, me corrige e orienta.

É uma simbiose total, vínculo umbilical. Como somos possessivos, somos donos um do outro. Por mim tudo bem, você é minha droga lícita favorita. É praticamente meu centro gravitacional, meu ponto de equilíbrio. Gosto de me ver em seu olhar. Não sei quem sou sem você. Não lembro mais do tempo em que você não existia em minha vida. Cada vez mais preciso de você para me lembrar de mim.

Durmo e acordo com seu toque. Aliás, guarde nossas músicas numa nuvem dourada de recordações. Gosto de acreditar que pelo menos isso é para sempre. Que elas estarão disponíveis até quando não estivermos mais aqui, quando não mais existir Nós. Isso tudo soa tão cafona e vulgar, mas espero que um dia todos experimentem o que tenho com você. Que se olhem como a gente se olha.

- .
- .
- .
- .
- .
- .
- .
- .
- .
- .
- .
- .
- .
- .
- .

Para meu celular.



trechosetextosmus

Corumbá Capital do Pantanal



“ EU ENCONTREI
QUANDO NÃO QUIS
MAIS PROCURAR
O MEU AMOR ”

LOS
HERMANOS

[ÚLTIMO ROMANCE]



Zico gostava da ideia de ser romântico, talvez o último. E assim gesticulava, andava, falava e bebia. Não era desses de fazer coraçãozinho com as mãos, levava a sério a definição espiritual da palavra. Criava enredos que viviam aconchegantes nos cômodos de sua mente. Acreditava que o coração tinha mais espaço que o cérebro. Um Delacroix guiando a paixão.

Era um dependente do seu romantismo, urgente por doses cada vez mais fortes. Talvez por isso perambulasse com Quintana e flutuava com Cem Anos de Solidão, instalado sempre na mesma mesa escondida de um velho bar no centro da cidade, desses que nunca fecham. Seu estilo pedia um vinho, mas o calor e o orçamento imploravam uma cerveja barata.

Zico procurava, perseguia, praticamente fuçava a vida atrás daquele amor. Desejava isso mais do que sombra e água fresca no Saara. Da fila do pão ao ponto de ônibus, do jogo da quarta divisão à novena do bairro, das escadas rolantes nos *shoppings* ao chá de bebê de desconhecidas, ele caçava afoito, por isso assustou e afastou o grande amor.

Todo romântico é um tanto Paradoxal. Zico não botava fé em amor à primeira vista. Planejava topar com o bendito numa esquina qualquer e imediatamente ativar o roteiro de incríveis cenas tantas vezes mentalizadas. Queria beijos demorados, mas tinha pressa e desespero. Não baixou o Tinder, queria o sabor das surpresas do destino. Como nada acontecia, passou a maldizer o amor, misturando ranço e despeito. Mas esperava pronto e perfumado. Uma ambulante dialética de Hegel.

Dividido entre o ressentimento e a coragem, Zico disparava mágoas a esmo. Até notar que vagava sozinho. Teve de cumprir a arriscada tarefa de estar consigo mesmo, de ouvir tudo que falava e pensar tudo que desejava. Nunca mais foi o mesmo, mudou para gostar dele próprio e encontrou em si uma boa companhia. Olhou para dentro e finalmente enxergou o que ninguém nunca viu. Hoje, quem encontra o Zico, sabe que ele encontrou.



trechosetextosmus

Corumbá Capital do Pantanal



“ RIR É BOM,
RIR DE TUDO
É DESESPERO ”

FREJAT

[AMOR PRA
RECOMEÇAR]



Sou cético ao ver uma risada, ela guarda tanta coisa. Já que ser é ser percebido, que mirem nossa melhor versão: sorridentes, plenos, em filtros, efeitos especiais e apelando atenção. Sorria, você está filmando imagens indisponíveis para revelação.

Se o sofrimento gera audiência, a felicidade rende mais *likes*. Mas o sorriso retórico exige justificção constante. Somos reféns da imagem que criamos de nós mesmos, certos de que temos algo em especial e único. Ilusão sedutora que alimenta uma espécie de Síndrome de Estocolmo recreativa.

Na queda de braço com nosso ego, desejamos uma marca indestrutível, flertando com a eternidade. Mas essa não pode ser capturada por nossos *flashes*. Queremos ir além, mas somos tão transitórios quanto nossos *stories*. E no conforto do casulo social, casamos com nós mesmos, inventamos o autoengano e acreditamos piamente nesse lance tipo místico-pitagórico, um universo controlado por regras matemáticas: os algoritmos. Se imagens valem mais que palavras, os *emotions* dizem por nós e ainda deixam um suspense no ar.

A novidade das *fake news* está apenas na velocidade. Os sepulcros caiados insistem em existir. Estamos distantes do caminho do meio, porque parecer e aparecer são as prioridades. Não se trata da lágrima do palhaço, essa espelha as contradições da vida. Ele não finge a dor, ri e faz arte em cima dela. Não ri de nervoso, mas de superioridade, sabendo que tudo flui e o *show* sempre continua, com ou sem ele.

Admiro a figura do bobo bufão. Esse encenava, divertia, criticava, satirizava e saía ileso da confusão. Sua acidez irreverente custou caro. Mas sumiu sem assumir o riso forçado e conveniente dos bajuladores aspones.

Rir da própria desgraça supõe resiliência. Entretanto, pode ser resignação daquele que nada pode fazer além de timidamente sorrir e seguir. Talvez, por isso, existam tantas músicas que são lamentos profundos vestidos em melodias e ritmos vibrantes. Cantar nossas tragédias em tons de comédia é uma de nossas marcas. Somos chegados a um anti-herói romântico, perverso e atraente ao mesmo tempo.

Contudo, só mostramos o que queremos e só vemos o que foi exposto. Por isso, a questão do Zeca me intriga ainda mais: “qual é a graça desgraça que há no sorriso do banguela?”.



trechosetextosmus

Corumbá Capital do Pantanal



"BABY,
VOCÊ NÃO PRECISA
DE UM
SALÃO DE BELEZA"

ZECA
BALEIRO

[SALÃO DE BELEZA]



Interrogamos nossos espelhos e eles sempre invertem as respostas. Nossa mente desmente e encontramos outros sentidos. É a beleza nos olhos de quem vê, mas não se olha. É o olhar no próximo, longe demais pra focar em si próprio. Assim são edificados os institutos em nome da beleza, toda uma ciência em busca de reconhecimento. Todos dançam nesses salões. É o Bonde dos Narcisos e seus passinhos sincronizados.

As transformações são dignas de registros do Antes e Depois. São técnicas e produtos capazes de maquiar as marcas de trajetórias sofridas. Vale até creme de lama para limpar a barra. Máscaras que corrigem ausências em demasia. Tratamentos para o corpo, massagens para o ego. É possível reconstituir quase tudo, é uma verdadeira revolução em curso. Porém, você já deve ter visto a beleza indo embora sozinha no fim da noite, crente que ninguém a queria.

Atrevimento maior nesse parque de exposições é ficar relaxado. Mais ainda, não se curvar ao poder absoluto das imagens. Elas pertencem a quem por elas se interessa. A estética também possui sua ética e eis a questão: acreditamos que a beleza vem acompanhada de coisas bonitas. E eu realmente acredito na beleza, aquela que põe à mesa assuntos interessantes, boas risadas, críticas ácidas e necessárias, silêncios compreensivos e olhos que brilham quando a gente se vê.

A beleza me arrasta feito um imã. Gosto de ver com as mãos, quanto mais perto melhor. É o único jeito de identificar detalhes em altíssima resolução. Apresentam-se falhas dispostas a serem reparadas. Ali é possível perceber marcas indizíveis, descobertas a olho nu. Afinal, a profunda beleza nunca está na pele das coisas.



trechosetextosmus

Corumbá Capital do Pantanal



“ BENDITAS
AS COISAS QUE
EU NÃO SEI ”

MART'NALIA
ZÉLIA DUNCAN

[BENDITAS]



Acordo, firmo a visão, depois os pés no chão e digo de mim pra mim mesmo: “o que sei dessa vida?”. Daí o dia começa socrático! O primeiro passo em busca de alguma sabedoria é reconhecer-se ignorante. Não significa fazer da ignorância uma deusa imaculada num altar, digna de constantes oferendas. É admitir que há proporcional espaço para o saber e o não saber. E isso é uma benção!

Quando se trata de conhecimento, a busca é o combustível e o veículo. É uma estrada onde as luzes se acendem conforme nela caminhamos. Exige presença e sensibilidade. É uma dimensão sem acostamentos. É fundamental transbordar a lógica através dela mesma. É uma ponte para a elevação do espírito.

Tempos estranhos são aqueles em que a mediocridade e a tolice recebem elogios diários. O óbvio e a resignação são valorizados. A parte explica o todo, o tempo todo. A imaginação purga no exílio. O imbecil vaidoso é o protagonista seguro e confiante, que “convence as paredes do quarto e dorme tranquilo”. Enfim, uma Ode à burrice! Uma Idiocracia encarnada!

Naqueles tempos, a arte e a ciência são recusadas. Porque elas são subversivas por excelência. Para os seus a realidade concreta não satisfaz. O que os sentidos trazem não dá conta do que a alma precisa. Dialogam com um tempo que não pode ser medido. Querem o que ainda não existe, o que é perfeito e impossível. Estes olham, veem e reparam.

“Saber é poder”, ensinou um dos filósofos que concretou o pensamento moderno. Mas não saber querendo saber também é um trunfo e tanto. Não apenas colorir o que já está pronto. Permitir-se a dúvida e o encantamento com o que está diante de nós, acreditando que não estamos preparados para toda e qualquer situação.

Há ausências irreparáveis, hoje eu sei disso. Por isso, sinto saborosamente o tempo que passa e não volta. A dor também ensina, hoje sei. Não posso deliberadamente ignorar todas as coisas do mundo, porque pra esquecer é preciso lembrar com muita força, hoje sei.

Prefiro caminhar convicto das minhas profundas incertezas e desconfiando do pouco que sei. Enquanto houver reticências sigo sem ponto final. Sou melhor assim, completamente inacabado e em perpétua construção.



trechosetextosmus

Corumbá Capital do Pantanal



" A DIFERENÇA
É O QUE NOS
UNE DE VERDADE "

MUNDO BITA



Ela quer muito mais, mas nem sempre quer. Eu sempre quero, nem que seja só um pouco.

Ela sempre organiza tudo e não gosta de bagunça. Eu crio organizadamente dentro da minha bagunça.

Ela manja de leis e segue o rigor das regras. Eu sou desregrado, isso é de lei!

Ela é elegante, se veste bem e está sempre arrumada. Eu uso minhas camisetas pretas e jeans pra quase tudo.

Ela ouve música quando está triste, tem uma *playlist* só pra isso. Eu não sou sem música, meu modo é sempre o aleatório.

Ela lê autores renomados. Eu não sei o nome de nenhum deles.

Ela assiste algumas séries, do começo ao fim e segue religiosamente. Eu assisto um monte delas, sempre começo e largo antes do fim, religiosamente.

Ela chora com comédias românticas. Eu dou risada quando isso acontece. Mas já fizemos maratonas juntos.

Ela lê todas as notícias e fica preocupada. Eu fujo delas e fico preocupado.

Ela faz exercícios físicos, mas não abandona um bom lanche gorduroso. Eu mal dou umas caminhadas, finjo fazer umas dietas e não a deixo comer sozinha.

Ela quase nunca bebe, mas às vezes se embriaga. Eu vivo embriagado e às vezes bebo.

Ela pensa no futuro e deseja sempre que seja melhor. Eu não olho muito pra ele e reconheço que não sou o mais otimista dos seres.

Ela aprende rápido, mas não tem muita paciência pra explicar. Eu só sei explicar quando entendo, mas isso demora um tanto.

Ela nunca desiste, é determinada e destemida. Eu tenho muita preguiça e um sono que não me abandona.

Ela, às vezes, se irrita com meu jeito, mas me quer em sua vida e eu sou feliz por isso. Eu queria que ela fosse mais *relax*, mas sei que esse barco já teria virado.

Ela é linda e eu tenho sorte!

Que maravilha viver, ninguém é igual e nem precisa ser.



trechosetextosmus

Corumbá Capital do Pantanal



"BEN,
NÃO DEIXE DE OUVIR
OS DISCOS QUE EU DEI"

RUBEL

[BEN]



Ben... não tive discos, mas nunca me faltou música boa, viva e ao vivo, do café da manhã ao amanhecer. Minhas primeiras palavras foram letras, música de rua no chão da sala. Aprendi o mundo com música de gente grande, afinal, música pra criança não é feita por criança. Você sabe disso, carrega seu **Chico&Vinícius** pra todo lado. Saiba que um dos melhores momentos da vida foi você na bateria, eu no violão e sua mãe na coreografia. Nossa sala foi o palco-mundo.

Ben... não quero te convencer, não é justo. Só lembrar que o óbvio sempre precisa ser dito. Se você não conhecer, não vai reconhecer, nem a si próprio. Você será do tamanho da sua capacidade de interpretar a realidade. E ninguém interpreta o mundo melhor do que os poetas. Como fui alfabetizado com música, trouxe poetas que cantam. Não quero ensinar, quem sabe, dizer o que aprendi com eles. Eu sou professor, mas é você que me ensina a vida.

Ben... a tristeza também é sal da vida, então, que seja bonita, como **Candeia** cantou em seu testamento. Ninguém precisa ser forte o tempo todo, mas não crie um alibi pra viver sem existir. Essa do **Djavan** eu demorei pra receber. Não siga cegamente, ninguém merece tanto, porque de perto ninguém é normal! O **Caetano** tem uma luneta sobre os gestos humanos. Utilize-a, principalmente, em você.

Ben... componha sua felicidade, queira mais que emprego e bom salário. Sem maluquice a lucidez é pesada como um ouro de tolo. Esteja atento e forte, nunca estamos preparados para a morte, então, ame como se não houvesse amanhã! **Renato** e **Raul** são eternos, não imortais. Não seja um tipo digno de uma oração como Blues da Piedade, **Cazuza** fornece acidez sem medida contra caretas e covardes. Se quiser falar com o transcendental, esteja despido e faça silêncio. **Gil** me ensinou espiritualidade em vez de religião. **Nelson** e **Cartola** concordam que não tá fácil, mas o Sol Nascerá, até mesmo

no Juízo Final. É piégas e fatal, mas é preciso saber viver! Tive **Roberto** e **Erasmus** na infância, nada sei de Batman e Robin.

Ben... aprenda todas as metáforas marítimas do **Paulinho**, são do nível de Hemingway e Saramago. Durante o nevoeiro, leve o barco devagar. Dance com os pés no chão e a razão nas alturas. A **Música Preta Brasileira** é uma das melhores do mundo! **Tim**, **Ben Jor** e **Simonal** podem te ajudar nessa viagem à África Brasília.

Ben... nada deixarei sobre o amor, cada um vive do seu jeito os oceanos e desertos dessa trilha. Peço apenas que considere justa toda forma de amor. Ouça a guitarra e as palavras do **Lulu**. Quero viver muito pra te lembrar que sua música favorita já foi Felicidade do **Seu Jorge**. E tem aquela que a gente canta pra você dormir.

Ben... não use fones de ouvido o tempo todo, o som das pessoas também ensina. Escute e retruque seu coração. Sobretudo, fique à vontade para não seguir essas indicações, te quero livre também. Porém, ouça, beba e alimente-se de música. Devore a gosto suas mini certezas, entretanto, jamais ignore os pedidos da alma, ela quer beleza e paixão. A arte salva e a música nos une!

Para Bento...



trechosetextosmus

Corumbá Capital do Pantanal



"SONHOS
NÃO
ENVELHECEM"

MILTON
NASCIMENTO

[CLUBE DA
ESQUINA Nº2]



Ella era boa com números e gostava de ler. Era melhor ainda com pessoas. Entre as melhores alunas, sentava na frente e tudo anotava, mas estudou só até o quinto ano. Quando parou de frequentar a escola, as professoras foram até sua casa pedir ao seu pai para que ela voltasse. Sem sucesso! “Aqui as mulheres cuidam dos homens”, bradou o patriarca. “Ele olhava e a gente já entendia tudo”, dizia ainda assustada. E cuidou de incontáveis irmãos, que iam para escola e comiam primeiro. Nenhum deu em grande coisa. Mas Ella carregou dores para a vida toda, não apenas em seu corpo.

Ella me contava isso nos entremomentos, sua voz continuava terna, mas interrogava a vida com o peso de uma serenidade calejada. Com olhos confusos relatava encontros com as colegas dos tempos de escola. Essas perguntavam sobre o destino da aluna brilhante, se já estava aposentada como professora. Supunham que a ajudante da professora também viraria uma. Mas não! “Aqui as mulheres cuidam dos homens”. A elegante Ella se vestiu de esposa e mãe para sempre. Era todo amor e sua sina foi dar mais do que recebeu.

Ella preservou sua curiosidade de estudante aplicada. Era atenta e certa vez me indagou: “o que eu teria sido se continuasse os estudos?”. Não era para mim que perguntava, mas para sua própria “Vida Maria”. Só pude silenciar diante das respostas que eu não queria dar. Ainda tenho pra mim que Ella amou a vida que teve, mas sei que suspirou várias vezes pensando outros caminhos possíveis, onde suas vontades fossem consideradas.

Enquanto cuidava dos seus temperos, Ella me apresentou o seu deus mais lindo, o amor. Sua cozinha era um templo, todos nossos ritos se devam por ali. As músicas de Angela Maria e de Caubi, o dia 29, o ovo mexido, seus milagres culinários, nossas conversas sem hora para acabar, os preparos do Cosme, nossas festivas entidades, a benção com um beijo na testa, celebrações de uma vida inteira. Sua casa sempre foi minha casa e a gente ainda conversa por ali. A estrela com que Ella nos benzeu nunca deixará de brilhar.

Ella se foi num domingo. Sem dor. Isso me contou sorrindo na última vez que nos falamos. Hoje ela me abraça quando estou nas águas. Ella levitava nas águas. Sua voz é clara e me afaga várias vezes ao dia. Me sinto abraçado e protegido, como sempre.

Ella me ensinou que a imaginação é o melhor brinquedo. Tudo pode, tudo alcança, tudo melhora. E hoje, quando visto minha camisa de escritor, estou de volta ao seu quarto, onde estava meu momento preferido, inventar histórias com minhas canetas coloridas. É o nosso jeito de manter a vida acesa, numa dimensão onde sonhos não envelhecem, muito menos morrem.

Para Nair...

Sobre o autor

André Ramalho é Professor de História e Mestre em Estudos Fronteiriços. Nasceu em Corumbá/MS, onde leciona em escolas públicas das redes estadual e municipal. Sempre com a música, às vezes Músico Profissional, geralmente, integrante da vida noturna.



Publique seu e-book com a gente!

Letraria 





TRECHOS E TEXTOS

Letraria 